

‘NOVOS OLHARES’: UMA VISÃO ALTERNATIVA DOS DISCURSOS SOBRE IDENTIDADES RACIAIS

Natalia de Andrade Raymundo(UFRJ)^{1 2}

Resumo: No mundo contemporâneo, a mídia tornou-se uma fonte de produtos simbólicos fundamentais no processo de (re-) construção da vida social (Thompson, 1998). Embora, freqüentemente, atue na manutenção de ideologias hegemônicas, em outros momentos, ela também participa de processos de desconstrução de visões essencializadas das identidades sociais, apresentando novas formas de ação. A presente pesquisa busca, assim, articulando uma Análise Positiva do Discurso (Martin, 2004), instrumentos da análise multimodal do discurso (Kress, 2002), e uma visão socioconstrucionista das identidades sociais (Moita Lopes, 2002), identificar de que maneira as identidades de raça são (re)construídas em um seguimento do quadro “Novos olhares”, apresentado semanalmente no Fantástico (TV Globo) em 2007 e cuja proposta era problematizar práticas de preconceito. Os resultados da análise, que focaliza tanto o texto televisivo em tela quanto os produzidos por telespectadores do programa, indicam que os discursos podem apresentar possibilidades de revigorar a vida social.

1) Introdução

Não só no Brasil, como em todo o mundo, a televisão ainda é um dos meios de comunicação mais importantes e populares; uma fonte inesgotável de materiais simbólicos que alcança mais de 99,4% da população brasileira, como indica D’Adesky (2001). A televisão é um dos meios pelos quais as identidades sociais podem ser (re-) construídas e (re-) moldadas, já que os telespectadores são expostos a diferentes discursos, que ora colaboram para a manutenção de regimes de verdade (Foucault, 1979) arraigados na sociedade e ora veiculam discursos alternativos e inovadores que propõem novos modos de viver a vida em sociedade.

A mídia, mais especificamente a televisão, tem proporcionado uma exposição à alteridade que anteriormente não era nem pensada como possível; cada vez mais, assuntos que no passado eram velados e evitados estão invadindo as casas de milhares de pessoas; temas que antes eram proibidos estão sendo problematizados muitas vezes até em horário nobre. O contato com o outro tem sido intensificado, mas nem sempre esse contato se dá de maneira a construir novas práticas sociais. Na maioria das vezes, observa-se, por exemplo, uma subrepresentação dos negros e de homossexuais nos programas televisivos, como aponta Fairclough (1995).

O discurso midiático pode oferecer materiais simbólicos que apenas iconicizam práticas sociais preconceituosas e hegemônicas em relação ao outro, como também pode colaborar para pulverização dessas ideologias. O discurso da mídia, assim como qualquer outro

¹ Natalia de Andrade Raymundo (UFRJ – CNPq)

² Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ – CNPq)

discurso, não é neutro (Fairclough, 1995), e através da análise de certas escolhas discursivas é possível entender quais ideologias estão sendo veiculadas e mediadas: ideologias de manutenção ou de destradicionalização de certas práticas sociais.

No presente trabalho, procuro demonstrar quais ideologias estão sendo veiculadas num trecho de um programa do quadro “Novos Olhares”, através da análise das escolhas discursivas feitas pelos produtores do programa. Observo de que maneira as identidades raciais são construídas por meio de materiais simbólicos e como certas escolhas indicam o posicionamento dos produtores do programa em relação ao tema.

Na segunda parte do trabalho, analisarei como duas possíveis participantes da rede interpretativa do programa interagem em uma conversa sobre o programa e os discursos veiculados no mesmo.

2) Contexto de pesquisa

O quadro “Novos Olhares” foi exibido durante dois meses no programa semanal Fantástico, televisionado pela Rede Globo. Nesse período, o quadro abordou temas polêmicos como religião, direitos civis e minorias sociais, de forma a demonstrar uma visão alternativa sobre tais temas. Os itens lexicais do título do quadro indicam que a proposta do programa é trazer à tona uma nova abordagem sobre esses temas.

O programa Fantástico possui vasto acesso epistêmico, com um público de classes sociais, etnias, e faixas etárias bastante diversificadas. Portanto, é bastante difícil definir qual seria o telespectador projetado de tal quadro do programa.

3) Discurso e identidade social.

Para analisar esse texto, utilizo como visão teórica de que o discurso é um modo de ação. Através dele, pessoas agem sobre o mundo e, assim, o constroem (Fairclough, 1995). O discurso não é só uma relação social como também um meio pelo qual relações sociais são construídas. Em outras palavras, o discurso tem uma natureza socioconstrucionista (Moita Lopes, 2003) e é constitutivo das identidades sociais e do mundo social.

Além disso, adoto a visão de que as identidades são construções reflexivas (Giddens, 2002), em que as pessoas operam escolhas, e assim, constroem suas realidades social e discursivamente. Entendo identidades sociais como híbridas, fluidas, fragmentadas, em processo de constante mudança e relacional, ou seja, “*somos criados da forma que somos pelos outros a nossa volta*” (Shotter, 1989: 144 apud Moita Lopes, 2002, p. 34). Essa visão

possibilita a compreensão de que a construção das identidades depende de certos posicionamentos discursivos, que por outro lado, são dependentes das relações de poder, nas quais estamos inseridos.

4) Análise positiva e multimodal do discurso midiático

Para minha análise, utilizo como base a análise positiva e multimodal do discurso midiático. Assim, procurarei analisar não só as estruturas textuais presentes no evento comunicativo, mas também outros meios semióticos que constroem significados, como imagens, posições de câmera, intertextos, cores, enfim, todas as ferramentas que posicionam os telespectadores, atuam na construção de significados, e posicionam também os diretores/ produtores do programa. Procuo analisar como certas escolhas de recursos lingüísticos e extra-lingüísticos são utilizados pelos produtores do quadro de maneira a negociar sentidos e proporcionar uma visão alternativa do mundo social.

Acredito que as escolhas feitas durante a criação de eventos midiáticos posicionam os participantes do mesmo, tanto telespectadores, como produtores e diretores. Essas escolhas podem tanto corroborar a manutenção de “*regimes de verdade*” (Fairclough, 1995) existentes no mundo social, como também mobilizar discursos que desestabilizam visões hegemônicas e tradicionais. A análise positiva visa mostrar como a mídia pode oferecer discursos que mostram mudanças e alternativas para o mundo social.

Para a minha análise, procuro demonstrar como o quadro “Novos Olhares” é inovador, pois aponta uma visão alternativa de discursos sobre as identidades raciais. O quadro não corrobora visões do negro como marginal ou vítima, mas tenta propor mudanças para o mundo social.

5) Posicionamento e identidades nas narrativas e nos discursos midiáticos

Segundo David & Harré (1999), posicionamento é um construto essencial para entender como, em práticas narrativas, leitores/ouvintes e escritores/contadores se localizam um em relação ao outro nas construções de significados nas quais estão envolvidos. O posicionamento possibilita estudar como as pessoas estão localizadas na interação, na conversa e como estão engajadas no processo de construção de significados com outros.

Posicionamento é um construto teórico importante também para entender como os participantes da interação se constroem e constroem o mundo no qual estão inseridos. O construto do posicionamento auxilia no entendimento de “como as pessoas se localizam no

discurso ou na conversa quando estão engajadas na construção de sentidos com o outro”. (Moita Lopes 2006)

Na primeira parte do trabalho, ao analisar as dimensões visual e verbal do trecho do quadro “Novos Olhares”, o construto teórico do posicionamento é importante para perceber como os atores sociais negros se posicionam no programa de forma a se assumirem como negros e mostrarem que existe preconceito e que esse preconceito é corrente, mas camuflado nas práticas sociais. Além disso, analiso também os posicionamentos assumidos pelas participantes de uma conversa sobre o quadro “Novos Olhares”.

6) Análise da construção da negritude no quadro “Novos Olhares”

Na análise deste trecho do quadro Novos Olhares do programa Fantástico, procuro me reportar, seguindo Fairclough (1995), tanto aos aspectos do texto quanto das práticas discursiva e sócio-cultural. Além disso, procuro mostrar como não só a dimensão verbal, mas também a dimensão visual atuam na construção do mundo social. O recorte em questão tematiza a importância do respeito aos direitos civis dos negros no Brasil. Durante todos os seguimentos, atores sociais negros dão seus depoimentos sobre discriminações que já tenham sofrido e também propõem mudanças em certas atitudes da sociedade. Além disso, o discurso do escritor e professor americano, Kenji Yoshino, reitor da Universidade de Yale, também é usado como discurso de autoridade, para validar o tema do programa. Todos esses atores sociais olham diretamente para a câmera; isso parece posicionar o telespectador como um outro participante da interação, o que faz com que esse reconheça e se solidarize com o problema em questão.

Esse recorte do programa focaliza a história de Heider, que conta, através de uma narrativa, o que aconteceu quando procurava um emprego. Segundo Labov (1972), a narrativa é um “*método de recapitulação de experiências passadas*” e Heider utiliza-se da narrativa de uma experiência prévia para apoiar seu argumento em relação às práticas preconceituosas que ocorrem na sociedade. Essa narrativa de Heider é utilizada pelos produtores do programa de forma a criar uma identificação com os telespectadores e a fazer com que esses se sensibilizem com o que ele sofreu. O ponto de sua narrativa (Labov 1972) é que ele sofreu discriminação por usar um cabelo que lembrava o “visual africano”. A orientação aparece quando ele situa a narrativa em uma entrevista de emprego. A ação complicadora de sua narrativa surge quando ele se reporta ao fato de que sua entrevistadora alegou que seu cabelo “não pegava bem” e os clientes do shopping em que iria trabalhar “não gostavam do visual

africano”, por isso, ele deveria cortá-lo. Heider conta esse fato com algumas relutâncias, indicadas pelas várias pausas (/). Essas pausas podem indicar certo desconforto ao falar do tema.

Nessa seqüência e em todas as que aparecem negros dando um depoimento, as tomadas de câmera se dão através do close-up médio e da abertura média, o que, segundo Rose (2002) “*muitas vezes significam autoridade*”, ou seja, essas tomadas de câmera, além de darem voz ao negro, também o empoderam. A alteridade negra é ouvida e destacada. A resolução da sua narrativa é proferida como uma interrogação: “*É correto dizer que eu cortei meu cabelo porque eu precisava de um trabalho, porque 90% da população negra precisa de um trabalho?*”; Heider parece questionar o telespectador em relação ao real motivo de ter tido que cortar o cabelo. Essa narrativa central de Heider não possui todos os elementos da estrutura da narrativa propostos por Labov (1972), o que é, segundo Rose (2002), uma característica das narrativas televisivas. A autora afirma que “*a estrutura da narrativa na televisão é muitas vezes aberta*”.

Ainda na primeira seqüência, há uma tomada de câmera em que Heider aparece ao lado de uma foto sua de quando ainda usava o estilo de cabelo popularmente conhecido como “rastafari”. Em uma abertura média, Heider aparece com a cara triste, enquanto sua foto o mostra feliz e cantando. Essa tomada de câmera pode ser entendida como uma tentativa de construir visualmente Heider como vítima de uma sociedade preconceituosa. Essa imagem de Heider ao lado de uma foto antiga é explorada ainda em outras tomadas de câmera, com os recursos de tracking e abertura média, que são usados de forma a mostrar a diferença de Heider antes, e após cortar o cabelo. A construção visual corrobora a interpretação de dramatização do preconceito sofrido por Heider, que só cortou o cabelo para conseguir o emprego.

Em seguida, o professor e reitor da universidade americana de Yale, Kenji Yoshino, comenta o que Heider teve de enfrentar. Seu discurso é utilizado como interdiscurso de autoridade, que valida os outros discursos. É importante mencionar que em outro recorte do mesmo programa, o professor comenta que também sofreu discriminação velada por se assumir homossexual. O professor propõe o termo “Covering” para o que Heider passou, ou seja, uma espécie de acobertamento, um disfarce para o preconceito, que antes era mais direto. Esses itens lexicais, “acobertamento” e “disfarce” remetem a algo que deve ser escondido, que é proibido. Dessa forma, o programa constrói a idéia de que os negros continuam sofrendo discriminação, mas de uma forma mais velada. Tal discriminação ocorre

quando alguém é impedido de usar um estilo de cabelo que lembre sua ascendência negra.

Segundo Kenji, a sociedade divide os negros entre “bons” e “maus”; aqueles que se conseguem se adequar, são vistos como bons, mas os que mantêm seu modo de vestir e de usar o cabelo não são tão bem vistos. Ele usa o item lexical “bandidos” para definir a forma como os negros que não se disfarçam são vistos pela sociedade. Segundo Telles (2003), esse disfarce seria uma forma de exclusão social, já que exclusão é *“a falta de integração social que se manifesta através de regras que limitam o acesso de grupos particulares ou pessoas aos recursos ou aos direitos de cidadania”*. Nesse exemplo, Heider foi privado do direito do trabalho por usar um corte de cabelo que não é aceito pelo grupo hegemônico.

Para confirmar o “covering” existente no Brasil, o professor Kenji utiliza-se do provérbio brasileiro “o dinheiro embranquece”. Esse provérbio parece confirmar a tese de que não existe preconceito racial no Brasil, e que o preconceito estaria ligado apenas à classe social, ao fato de ser rico ou pobre. Telles (2003) mostra que a maior parte da população pobre do país é negra, e de acordo com esse provérbio, tendo dinheiro, a pessoa não sofreria mais preconceito, pois se tornaria branco, ou seja, faria parte do grupo hegemônico. Ainda em sua fala, Kenji aponta para a importância do reconhecimento e do respeito às diferenças; essa afirmação parece ir de encontro ao mito da miscigenação, que seria uma forma de apagar essas diferenças (Telles 2003).

Ainda nesse seguimento, há três tomadas de câmera em close-up médio e close-up máximo que mostram pessoas negras, usando o cabelo rastafari, felizes e dançando com a música da banda de Heider, Aspri, Íris “Sou blackão”. O close-up médio, segundo Rose (2002), seria uma forma de expressar “emoção e escrutínio”. Essa música, que toca ao fundo dessa seqüência, pode ser entendida como uma forma de celebrar o “ser negro”. Os depoimentos dos atores sociais negros Aspri e Íris, com tomadas de câmera em close-up médio, que expressam emoção e autoridade (Rose 2002), são utilizados para afirmar a necessidade de luta contra a tentativa de disfarce; eles procuram desarticular e rearticular os elementos sociais que corroboram na manutenção da hegemonia branca.

Nesse recorte do quadro “Novos Olhares”, os produtores tentaram, através de escolhas visuais e verbais, construir uma visão alternativa de regimes de verdade (Foucault, 1979) presentes em nossa sociedade. Foi dada voz ao negro. Esse pareceu como protagonista narrando os preconceitos que sofrem em uma sociedade em que o racismo é frequentemente velado. Assim, pode-se dizer que o quadro é inovador, já que não corrobora visões hegemônicas, mas tenta destradicionalizá-las.

7) Grupo focal: posicionamentos sobre negritude.

Nessa parte do trabalho, analisarei como duas mulheres negras se posicionam em uma entrevista de grupo focal sobre as narrativas presentes no trecho do quadro “Novos Olhares” e sobre a forma que o tema do preconceito foi problematizado pelos produtores do programa. Uma das participantes, Maria, com idade de 22 anos, é estudante universitária. A outra participante, Juliana, com idade de 26 anos, possui nível superior completo e trabalha como professora e secretária. Ambas são telespectadoras do programa semanal Fantástico e fazem parte da possível rede interpretativa projetada pelos produtores do programa. A entrevista, que teve meia hora de duração, foi realizada na sala do projeto Salínguas na UFRJ, depois que as participantes assistiram ao trecho em questão. Selecionei a transcrição da parte da interação na qual as participantes se posicionam em relação aos objetivos do programa.

Para analisar a interação, transcrevi e li toda a entrevista para ter uma compreensão geral dos dados. A seguir, empreendi uma análise de dois seguimentos selecionados, de forma a verificar como as participantes se posicionaram interacionalmente em relação às narrativas e tópicos presentes no quadro.

Seqüência 1: Novos Olhares: um programa inovador.

1LP- Bom,/ então, /o que a gente quer é que vocês falem sobre o programa; /o que vocês acharam; /qualquer coisa 2que vocês queiram falar.//

3M - Posso começar?/ Achei uma iniciativa muito boa,/ assim, /de trazer para a sociedade, /assim, /na mídia,/ essa 4questão do preconceito que é super deixada a parte.

5É uma iniciativa muito boa,/ e é uma questão muito interessante,/ porque parece que agora, 6estamos dando voz, 6né, /ao negro, mas na verdade, não/ assim./ O negro pode até conseguir um emprego/, mas ele precisa seguir 7aquele modelo,/ ele precisa é/ 8respeitar certas regras que são 8impostas pela sociedade branca, assim/ você não 8pode ter o cabelo afro./ Por que não?/ Se é uma característica da raça negra, né?/ Então,/ assim, /é o que ele falou, 9né?/ que/ é meio encoberto. Não, estamos sim permitindo//

10J- É mascarado//

11M - É bem mascarado./ É legal a iniciativa de trazer isso num horário, /assim, /nobre. 13Todo mundo assiste o 12Fantástico/. É bem legal!//

13LP - O que ele chama de "covering", né?//

14M- De "covering".//

15LP - Que é marcar; né? /Aliás, é uma boa tradução, né?/ Ele falou acobertar; /e você, 17Juliana?

16J - Eu acho bem interessante também./ Eu/ assisti o programa.//

17LP - Ah, é, você assistiu.//

A entrevista abre com o questionamento acerca da opinião das participantes em relação ao trecho assistido. Maria começa a entrevista se posicionando como a favor da iniciativa do programa de problematizar a existência de um preconceito “encoberto”. Ela utiliza-se dos

itens lexicais “muito boa” (linhas 3-4), “interessante” (linha 5) para caracterizar a iniciativa do programa. Já Juliana utiliza-se do adjetivo “legal” (linha 12) para caracterizar tal iniciativa. O uso de adjetivos de conotação positiva indica que as participantes avaliam positivamente em relação ao programa.

Na linha 12, Maria aponta para a importância de o programa ter sido exibido em um horário nobre. Na linha 13, ela comenta também que *“Todo mundo assiste o Fantástico”*, indicando o vasto acesso que o programa tem e seu próprio acesso epistêmico com os significados do programa e desse quadro, o que é inovador, já que, como comenta Maria, “essa questão do preconceito que é super deixada a parte” (linha 3).

Ambas as participantes da interação parecem conhecer e concordar com o tema do quadro e trazem à tona o tópico discursivo (Brown e Yule, 1983) desde o início da interação. Maria aponta para o fato de que *“O negro pode até conseguir um emprego/, mas ele precisa seguir aquele modelo, / ele precisa é/ respeitar certas regras que são impostas pela sociedade branca”*. Nesse enunciado, ela demonstra que existe um “modelo” pré-definido na sociedade hegemônica que o negro deve seguir para ser aceito. Esse modelo aponta para uma identidade fixa, com características físicas que o afastam da “raça negra” (linha 9), por exemplo, o negro não pode ter um “cabelo afro”(linha 9). Ela utiliza-se da pergunta retórica *“/ Por que não?/”* para demonstrar sua incompreensão diante dessa atitude presente na sociedade.

As participantes se utilizam dos itens lexicais “mascarado” (linhas 11-12) para definirem o preconceito existente na sociedade brasileira. Essa definição vai ao encontro da definição dada pelos atores sociais negros que dão seus depoimentos no quadro.

8) Considerações finais

Ao analisar o trecho do quadro Novos Olhares, pude perceber que o programa realmente parece mostrar, tanto visualmente quanto discursivamente, que a mídia pode ser uma fonte de material simbólico para a construção de novas possibilidades de vida. O programa além de dar voz a atores sociais negros, que têm a possibilidade de mostrar, em um programa de horário nobre, que o preconceito existe, mas é escondido na sociedade. A sociedade tenta esconder esse preconceito através de certas atitudes que privam os negros de mostrarem o que lembra sua ascendência africana. Essas atitudes são mostradas e criticadas pelo programa, e as pessoas negras que dão seus depoimentos propõem que elas sejam combatidas.

Além disso, o programa demonstra que existem diferenças na sociedade que hoje são apagadas por meio do chamado “covering”, mas que deveriam ser respeitadas. Essa tentativa

de mostrar as diferenças existentes vai de encontro a ideologia corrente de miscigenação racial (Telles, 2003), que vê todos como iguais. Essa ideologia tenta neutralizar o fato de que existe preconceito racial e que esse é corrente. O programa mostra e critica esse preconceito e por isso, pode-se dizer que é um programa inovador, principalmente sendo veiculado em uma emissora cujo um dos maiores editores escreveu um livro intitulado “Não somos racistas”, livro que corrobora a análise de Telles (2003) de que a sociedade brasileira é frequentemente vista como não racista.

Na segunda parte do programa, em que analiso uma entrevista de grupo focal em que duas possíveis participantes da rede interpretativa do programa interagem com os pesquisadores se posicionando sobre o tema e as escolhas dos produtores do programa, pude perceber que ambas compartilham da mesma interpretação sobre o programa e que essa se assemelha a minha. Ambas se posicionaram de forma positiva sobre a iniciativa do programa e também o avaliaram como inovador. As duas participantes indicaram que programas como este deveriam ser mais correntes na mídia, já que, muitas vezes, não é dada voz a atores sociais negros, como foi dada nesse programa.

Esse quadro pode ser visto como uma pequena amostra do potencial da mídia, que pode atuar como fornecedora de discursos de maneira a possibilitar novas formas de viver e novas maneiras de ver o outro.

Referências Bibliográficas

- D’ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multiculturalismo. Racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001
- DAVIES, B.; HARRÉ, R. Positioning and Personhood. In: HARRÉ, R.; Van Langenhove, L. (org.) Positioning Theory. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. Media discourse. Londres: Arnold, 1995.
- KRESS, Gunther; LEEUWEN, Theo van. Multimodal Discourse. The modes and media of contemporary communication. Londres: Arnold, 2001.
- LEVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. “Falta homem até pra homem”: a construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In: HEBERLE, Viviane Maia; OSTERMANN, Ana Cristina; FIGUEIREDO, Débora de Carvalho (org.) Linguagem e gênero. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

- _____. On being white, heterosexual and male in a Brazilian school: multiple positionings in oral narratives. In: DE FINA, Anna; SCHIFFRIN, Deborah; BAMBERG, Michael. Discourse and Identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- _____. A performance narrativa do jogador Ronaldo como matador de mulheres no jornal O Dia. Conferência proferida no II Congresso Internacional de Análise Crítica do Discurso, USP (São Paulo), 2007.
- MORGAN, David L. The Focus Group Guidebook. In: MORGAN, David L.; KRUEGER, Richard A. (org.) Focus Group Kit. Londres: SAGE, 1998.
- ROSE, Diana. “Análise de imagens em movimento”. IN: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. Pesquisa qualitativa e texto, imagem e som: Um manual prático. (2ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- TELLES, E. E. Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2003.
- THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.